

2

O indivíduo na sociedade dos excessos

A linguagem dá como espetáculo a ação que a sociedade não mais permite. O que o sujeito perde lhe é vendido em objetos de consumo. (Certeau, 2005: 203)

O mundo vem se apresentando, mais do que nunca, de forma espetacular, onde se misturam guerras estrondosas, miséria avassaladora e apelativas ofertas de mercadorias e imagens “fundamentais” para a alegria e o bem viver. É um ambiente complexo e grandiloquente pelos sons que alardeia, pelas imagens que exhibe, chegando às vezes a ser anti-ético pelas propostas que lança sem por elas se responsabilizar. Diante desta atmosfera orgiástica e confusa está o sujeito, absorto, procurando saídas, muitas vezes aderindo a tudo indiscriminadamente. Ele corre para não ser ultrapassado enquanto desacelera para não atropelar a si próprio, em um ajuste rítmico diário e tenso. Estamos nos referindo a pessoas que sofrem a invasão excessiva dos meios de comunicação que todo o tempo insistem em manter o público² informado e convocado a consumir. Advinda deste contexto surge uma pergunta: existe a possibilidade de escapar desta invasão da mídia que se dá a toda hora e em qualquer lugar?

Na era contemporânea, as coisas e as pessoas para existir precisam ser mostradas como em vitrines, em permanente estado de atualização, e entre o sujeito e o mercado de ofertas não há visibilidade relativa à equipe de criação de todo este esquema. Guy Debord (1997) menciona uma “tela do espetáculo”, na qual

A consciência espectral, prisioneira de um universo achatado, limitado pela *tela* do espetáculo, para trás da qual sua própria vida foi deportada, só conhece os *interlocutores fictícios* que a entretêm unilateralmente com sua mercadoria e com a política de sua mercadoria. (p. 140).

A sociedade se mostra como um grande mercado que pede atitude e agilidade de seus participantes para aprenderem sua linguagem. A linguagem atual é um sistema de trocas que serve a um empenhado sistema voltado para vendas de

²A contemporaneidade já nos fez ficar acostumados à substituição da palavra “povo” pela palavra “público”, conforme marca Certeau (2005).

produtos. Acrescentemos que o estilo de comunicação neste contexto é o do espetáculo, como na acepção de Debord: “*O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente a vida social*” (p. 30). Referindo-se à esta questão, Certeau (2005: 42) descreve que são oferecidas aos olhos dos indivíduos, ficções, deslocando o imaginário para o “ver”: “*Vê-se tanto mais quanto menos se toma*”.

O conceito de sujeito contemporâneo reúne a possibilidade de liberdade de escolhas que, no entanto, é confundida pela permanente mudança relativa aos critérios do gosto “do momento”. Aqui, a experiência de identificação ou mesmo apego a uma estética específica fica comprometida e sujeita aos inesgotáveis “novos” produtos que o mercado oferece. A vivência de durabilidade ou mesmo apego a uma estética específica está comprometida e sujeita às infinitas e eternas novas propostas do mercado. Sobre esta miscelânea de ofertas muito-mais-atuais-que-as-de-ontem, Bauman (2007: 43/48) faz duas pontuações precisas: primeiro, a de que “*o mercado não sobreviveria se os consumidores se apegassem às coisas*” e segundo, ele fala de uma “cultura híbrida”, sem preconceitos, sem exigências e sem comprometimentos, embora seja notada muita avidez para consumir.

A não permanência situada na relação produtos/consumidores reflete também, segundo Bauman (2007), na construção de identidades indeterminadas. O autor estabelece uma direta ligação entre a impermanência do ambiente e a indeterminação do sujeito. Segundo esta observação, o sujeito absorveu essa linguagem do mundo consumista que propõe novidades para experimentação mas, com a condição de que não se estabeleça qualquer espécie de apego aos objetos ou situações. Diz Bauman: (...) a “*síndrome consumista*” destronou a duração, promoveu a transitoriedade e colocou o valor da novidade acima do valor da permanência” (p. 83). Este sujeito da “vida líquida”, vem aprendendo a lidar com as imprecisões, indefinições e impermanências, enfim, com o caráter fugaz altamente pregnante das relações com as aquisições de produtos. A respeito dos processos de identificação, parece estar ocorrendo o mesmo, pois percebe-se um deslizamento de um estilo de ser a outro, em conformidade com a sinalização de que se está ultrapassado ou *up to date*. Algumas pessoas buscam ajustar sua forma de ser como quem acerta o relógio.

A função dos “formadores do gosto”, mais do que nunca, ocupa lugar de destaque na sociedade capitalista e uma consequência disso é que uma das palavras mais pronunciadas na mídia vem a ser “tendência”, tanto no campo da

moda, da medicina estética, quanto das artes. Os formadores de gosto são aqueles profissionais que por inspiração ou compromisso comercial, elegem os elementos da vez que serão oferecidos às pessoas que desejam estar *in*. Mesmo que estas demarcações pontuais tenham um caráter absolutamente efêmero, durando às vezes uma estação ou o tempo de uma novela, elas surtem o efeito de serem desejadas pelos consumidores. Jameson (2006: 127) acena para o compromisso entre os conceitos de cultura, tendência e o mercado econômico:

(...) a economia veio a se sobrepor à cultura, de modo que tudo, incluindo a produção de mercadorias e as altas finanças especulativas, se tornou cultural e que a cultura, analogamente, se tornou profundamente econômica e orientada pela mercadoria.

Na verdade, entre essa efemeridade das novas-propostas-de-sempre do mercado e a costumaz resposta de adesão do público consumidor, encontramos uma prática sofisticada para viver: vemos os indivíduos, num mesmo tempo e lugar, vivendo uma superposição de sensações referidas a todos os costumes e idéias, antigos e recentes, da cultura universal. Interessa-nos observar com atenção o que as pessoas comentam sobre esta forma de viver e que influências elas sentem a partir daí. É bom lembrar que a clássica relação dos indivíduos com a “sua” cultura, por conta do efeito globalizante, perdeu em especificidade e ganhou em padronização. Nestes termos, todos somos (quase) um só e isto promove um efeito despersonalizante, com direito a vivências ambivalentes, como certas propagandas propõem: “seja única!” ou ainda, “você nunca mais vai ser o mesmo!”.

A linguagem do mundo das imagens está todo o tempo dirigindo-se a “nós” como se fôra a cada um de nós e, no entanto, “nós” somos bilhões de pessoas (a estimativa da ONU para o ano de 2050 é a de que a população atingirá o número de 9,2 bilhões). Como é possível sentir-se único quando se está imerso em uma massa densa e volumosa composta de “únicos”? Uma das maneiras mais conhecidas de encontrar um isolamento momentâneo é utilizada por muitas pessoas jovens. Trata-se do uso de pequenos fones encaixados nas orelhas, à semelhança de tamponetes de algodão, ligados a um minúsculo aparelho de som. Alguns comentaristas como Simmel consideram esta uma atitude alienada em

relação ao mundo, outros como Freud, pensam em uma proteção para a sensibilidade. Gostaríamos de considerar a segunda opção como digna de atenção.

As pessoas se abastecem comprando coisas algumas vezes pela sua utilidade, outras pela sua popularidade no mercado, outras sem saber por que; talvez pelo mero ato desatento ou compulsivo de consumir. Gostaríamos de incluir no quesito “compras”, uma categoria de coisas que nem sempre é considerada como produto. Realmente não se trata bem de uma comercialização, porque para tal seria preciso, minimamente, vendedores e compradores e dinheiro envolvido nas transações. Referimo-nos a um determinado grupo de pessoas que fazem “compras especiais”, com a finalidade de cuidarem de sua composição. Como dissemos antes, algumas pessoas procuram formas de ser para “mobiliarem” o espaço vazio interno e vão reunindo um gesto delicado daqui, um modo de segurar uma caneta dali ou uma gargalhada acolá. Em meio a tamanho caos, estes colecionadores reúnem formas para ser e as experimentam, seja em casa diante do espelho, seja numa festa entre amigos. Estas aquisições tentam transformar o útil-interessante em uma “performance de ter um estilo pessoal”.

Mas, voltando à pergunta sobre como manter uma unidade distinta sem deixar de ser um exemplar da espécie humana, em dias tais como hoje, as respostas parecem apontar na margem direita, a total e feliz adesão ao *status quo* e na margem esquerda a força resistente permanente para filtrar ou peneirar os excessos e não se deixar levar. Assim, uma das saídas para tal situação parece estar em acreditar em tudo, como em um assentimento cordato, em um envolvimento com o discurso midiático fazendo dele o mundo real. A proposta do mercado é essa mesmo, a de uma transferência do mundo fantástico para a vida real, na qual até o que deve ser imaginado é entregue com embalagem personalizada. Não é à toa que a linguagem dos anúncios é fantástica e utiliza abordagens surreais, trazendo transformações imediatas e fabulosas para a história da vida de quem, por exemplo, resolveu comprar um automóvel em 72 prestações (não vamos esquecer que isso significa um tempo de 6 anos na vida de alguém). Para cada objeto adquirido, um universo de sensações superpostas. O mundo que nos é apresentado em 2009 tem a habilidade de nos fornecer em um único objeto multifunções, em uma única esquina de rua todo um continente, em um único instante toda a história da humanidade. Lembremos que lidar com tantas sobreposições, condensações e simultaneidades contribui em muito para que as

mais novas gerações apresentam o que viemos chamando de diferentes formas de ser.

Neste século XXI, seja no saguão de um hotel, na praça de alimentação de um shopping, em uma feira livre ou caminhando por uma orla marítima, as pessoas vivem experiências simultâneas e em *flashes* rápidos. Podem, por exemplo, apreciar diversos gêneros musicais, do foxtrot ao hip hop ou axé music; degustar refeições *fast food*, orgânicas e exóticas; vestir roupas retrô e hiper modernas; experimentar a cromoterapia e converter-se a uma nova religião. Não importando o lugar onde estejam, é possível, estalando os dedos, cortar os cabelos no último estilo novayorkino, enquanto tomam um copo de cerveja belga, ouvindo ao fundo música australiana e nos telões (eles estão em toda parte) assistir à final do campeonato mundial de *snowboard*. Para compor esta cena imaginária, altamente baseada na realidade, devemos acrescentar muitas crianças e adultos mendigando por dinheiro e comida, corredores desfilando seus corpos malhados, passeadores de cães, artesões expondo colares, brincos e pulseiras, patinadores e ciclistas, turistas, gays gringos e nacionais, um casal *amish*, várias *tchutchucas*, vários *bad boys*, religiosos a pregar a bíblia, *socialites* emplastradas de protetor solar e chapéus protetores, ativistas defendendo a campanha do *fat proud*, *hare krishnas* e um grupo de terceira idade praticando tai-chi-chuan. Vale dizer que as pessoas que circulam por cenas assim, provavelmente são de muitas nacionalidades diferentes, o que nos faz pensar na idéia de cada etnia contendo muitas outras etnias.

Harvey (2007) observa este *pot-pourri* de formas de ser:

A geografia de gostos e culturas diferenciados se torna um pot-pourri de internacionalismo que em muitos aspectos é mais espantoso, talvez porque mais saturado, do que o alto internacionalismo já o foi. Quando acompanhado de fortes ondas de migração (não somente do trabalho, como do capital), isso produz uma ‘pletora’ de pequenas Itálias, Havanas, Tóquios, Coréias, (...), bem como Chinatowns, barrios italianos, quarteirões árabes, zonas turcas etc. Mas o efeito, mesmo numa cidade como São Francisco, onde as minorias, juntas, são a maioria, é estender um véu sobre a geografia real através da construção de imagens e reconstruções, dramas de costumes, festivais étnicos e assim por diante. (p. 87)

A construção que cada um faz para si mesmo acontece neste ambiente polifônico e multiforme, em meio a uma miscelânea de formas de expressão onde se percebe um ir e vir de trocas entre sociedade e indivíduos. Dito desta forma,

nos parece que sempre foi assim, mas pensamos que nem tanto. As pessoas que hoje têm 30 anos, nasceram em torno do ano de 1980 e as pessoas que naquele ano tinham esta mesma idade, hoje têm 60 anos. Há muitas diferenças entre o ambiente formado nos anos '80 e o que encontramos agora em 2009. Ainda não temos afirmações claras acerca do que vem a ser viver *now a days*. Por isso recorremos a diversos campos das áreas humanas para podermos entender um pouco o que pode ser chamado de qualidade de vida na atualidade. Temos verificado que a qualidade de certas construções subjetivas, se verdadeiras, inacabadas ou *fake*, irá variar e esta variação é ainda um sinal da criatividade humana em atividade. Gostaríamos de abordar a experiência tão buscada pelos americanos, qual seja, a de reproduzir fielmente cenários reais e originais. É interessante notar o efeito desta proposta, a qualidade da fruição, por parte das pessoas, da sensação de visitar um lugar sem se deslocar fisicamente; de ter as coisas sem um contato aurático com elas; de ser parte desse mundo miscelânico e tentar nele familiarizar-se ao invés de estranhá-lo. Falamos para além da idéia de simulação, porque os envolvidos neste processo, de alguma maneira, estão cientes de estar aonde estão, embora o enfoque destas propostas esteja no campo das sensações, no qual o importante é acreditar nesta “realidade” mesmo que ela seja *fake*. Nos termos de Umberto Eco (1984), quando ele explora a expressão “*the real thing*”³, utilizada numa das campanhas da Coca-Cola, a substituição da coisa pelo seu signo é tão bem operacionalizada que a vivência sensorial do que seja falso em relação ao que seja verdadeiro é quase abolida. Diz ele:

Para se falar de coisas que se pretende conotar como verdadeiras, essas coisas devem parecer verdadeiras. O ‘todo verdadeiro’ identifica-se com o ‘todo falso’. A irrealidade absoluta se oferece como presença real” (p. 13).

Há uma outra camada de experiência sensorial disponível para os indivíduos que se sobrepõe a este contexto comentado anteriormente: são técnicas midiáticas que oferecem imaginações “grátis” e pré-fabricadas ao seu público. Em outras palavras, além de viver em uma fronteira onde o verdadeiro e o falso se misturam, o sujeito explora timidamente sua capacidade imaginativa uma vez que

³ Ver imagem no final do trabalho em anexo (p. 110).

recebe de brinde fantásticas projeções que mostram o que é para ser imaginado. Sobre este tema, Eco destaca também o insistente apelo comercial que recorrentemente anuncia “*more to come*”. Um bom exemplo do que falamos pode ser encontrado nos anúncios de condomínios habitacionais onde, antes mesmo de serem construídos, é possível vislumbrar como será a vida de quem lá irá morar. No filme *Blade Runner*, há um anúncio desses:

A new life awaits you in the Off-world colonies. The chance to begin again in a golden land of opportunity and adventure. New climate, recreational facilities... absolutely free. Use your new friend as a personal body servant or a tireless field hand: the custom tailored, genetically engineered, humanoid replicant designed especially for your needs.⁴

A exposição imagética em 4D⁵ deste futuro que já vem imaginado inclui, além do *décor* arquitetônico, o estado de espírito dos personagens, suas roupas, seu comportamento e suas aspirações. Um *preview* que pode ser escolhido como num *game* interativo. Posso me ver, ver o que vai me acontecer e até fazer alterações antecipativas, ou seja, interferir em algum processo que ainda nem começou e que nem fui eu quem planejou. Um sonho criado e controlado pela realidade mercadológica, que nos remete ao antigo sonho que a humanidade carrega: o de controlar a realidade e prever o futuro. A expressão *reality show* é hoje usada pelos quatro cantos do mundo e a impressão que se tem é a de uma tentativa de capturar a realidade, enquadrá-la na grande tela e transformá-la em *game-novela*. Harvey (2007) nos fala sobre a capacidade de “ver” as coisas:

O perspectivismo concebe o mundo a partir do “olho que vê” do indivíduo. Ele acentua a ciência da óptica e a capacidade das pessoas de representarem o que vêem como uma coisa de certo modo “verdadeira”, em comparação com verdades sobrepostas da mitologia ou da religião (pg. 223).

Há outras marcações importantes para se desenhar panoramicamente a situação que se convencionou denominar pós-moderna. Interessante observar que

⁴Uma vida nova espera por você nas colônias interplanetárias. A chance de começar de novo em uma terra dourada de oportunidades e aventuras. Um novo clima, instalações... absolutamente de graça. O seu novo amigo pode servir como criado pessoal ou trabalhador incansável: o humanóide replicante, criado geneticamente e feito na medida especialmente para atender você!

⁵Em termos simples, a quarta dimensão (fourth dimension), é somada às três conhecidas dimensões: altura, largura e comprimento. Dentro da Teoria da Relatividade, ela corresponde ao tempo (segundo a teoria, se não houvesse tempo, não haveria movimentos). Uma projeção em 4D oferece ao espectador o sistema 3D somado a efeitos sensoriais, do tipo calor, vento e vibrações.

antes era usual em cada cidade haver um centro (*downtown*), onde ficavam os grandes escritórios, centros médicos e comerciais mas hoje, a exemplo da cidade de Los Angeles, este conceito já se transformou. As cidades agora organizam-se na forma de um grande conjunto de pequenos condomínios ou guetos, aonde se concentra o básico para uma comunidade: escolas, bancos, clínicas médicas e dentárias, policiamento, restaurantes, comércio em geral. São milhares de pequenas cidades dentro das grandes cidades. O tradicional deslocamento da casa onde se mora para o trabalho, por exemplo, está mais restringido, mesmo porque a internet permite que se trabalhe sem a necessidade da presença física de uma equipe, por exemplo. Também por questões de segurança e praticidade, tornou-se possível cada bairro ter o seu centro e não há mais um único grande centro de referência para toda a cidade. Esta situação é mencionada por Sarlo em “Cenas da vida pós-moderna”:

As pessoas hoje pertencem mais aos bairros urbanos (...) do que nos anos 20, quando a ida ao ‘centro’ prometia um horizonte de desejos e perigos, a exploração de um território sempre diferente. Dos bairros de classe média já não se vai ao centro. (...) Os bairros ricos configuraram seus próprios centros, mais limpos, mais ordenados, mais bem vigiados, mais iluminados e com ofertas materiais e simbólicas mais variadas. (p. 13/14).

Os habitantes das metrópoles ou megalópoles não se encontram mais nas praças centrais ao ar livre. Podem encontrar uns com os outros nas praças de alimentação dos shoppings ou ao longo dos labirínticos corredores de lojas⁶. As pessoas se reúnem também virtualmente através dos *messengers*, *web cams*, das imagens compartilhadas que a televisão e os outdoors publicitários veiculam e acabam por criar uma linguagem referencial comum para o seu cotidiano. Percebe-se que estar “plugado” ou em estado de comunicação é uma tônica atual entre a juventude.

A era pós-moderna parece invadida pelo absoluto excesso de propostas e barganhas. Não se vai a lugar algum sem que se receba reclames. Por debaixo das portas de nossas casas chegam diariamente dezenas de prospectos publicitários; nos vidros dos carros comumente encontramos um cartão que diz: “compro seu

⁶ A atuação da arquitetura pós-modernista é comentada por Jameson (2006: 258) e para tal, ele articula o conceito de congestionamento e especulação imobiliária. Este autor fala sobre uma mediação entre o nível econômico e a estética, sugerindo que a arquitetura contemporânea está intrinsecamente ligada ou comprometida com o imediatismo das demandas de construções.

carro”. Se vamos a um aeroporto notaremos que além de termos de estar atentos à “voz” que informa o número do portão para embarque, temos de também estar atentos aos painéis que marcam as chegadas e partidas dos vôos e, junto a todas estas informações que necessitam de atenção, há aparelhos de TV que paralelamente trazem outras informações e sons que nada têm a ver com o ato de se preparar para viajar. Seguindo a idéia de um ambiente tantalizante, podemos através de um aparelho de TV, comprar e vender quaisquer tipo de produtos. Só então, nos intervalos entre os comerciais, o espectador pode assistir ao programa que desejava do qual talvez nem esteja mais lembrado: o prometido filme de aventura e suspense! Continuando a exemplificar a sociedade do excesso, se vamos fazer compras do mês, encontramos 100 marcas de biscoitos, 30 tipos de leite, 20 marcas de arroz, 90 variações de materiais de limpeza e possivelmente 300 tipos de bebidas com ou sem álcool, com ou sem açúcar.

Quando se trata dos meios de comunicação, o indivíduo dispõe de possibilidades infinitas. Por exemplo, a vivência de experiências simultâneas é familiar a um morador de centros urbanos: um minúsculo relógio no pulso de um adolescente marca batimentos cardíacos, ilumina a escuridão, recebe e envia mensagens, agenda compromissos e muda de cor se a temperatura ambiente se altera. Um outro exemplo de experiências simultâneas pode estar na imagem de um computador que permite a uma pessoa no Brasil visualizar uma outra num apartamento em Berlim, enquanto escreve e recebe mensagens diversas, enquanto acessa o noticiário internacional, enquanto fala com outro amigo via *web cam*, enquanto assiste à transmissão ao vivo do último show dos Rolling Stones, ao mesmo tempo em que edita um CD com músicas folclóricas chinesas remixadas para enviar de presente para sua mãe que está num *ashram* na Índia.

Em outras palavras, vivemos na contemporaneidade velocidades e simultaneidades, através de condensações e sobreposições: em um mesmo objeto encontramos múltiplas funções, estando em um único lugar viajamos a muitos outros e num mesmo instante podemos ter várias idades e sensações. Executamos múltiplos comandos e somos todo o tempo informatizados neste ambiente onde fartura é uma idéia referida à quantidade de excitação e estimulação a que somos submetidos. Neste modo de vida comprimido cabe a notação sobre se somos capazes de manter o reconhecimento qualitativo das diferenças entre estas

múltiplas sensações simultâneas que nos acometem e o que nossa memória faz com todo este material.

O que faz alguém quando está esquecido de suas origens? O que faz alguém que não deixa de recordar as origens? O que é hoje um bem viver?

2.1

As grandes cidades e a cultura do consumo

O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. (Merleau-Ponty, (2006 [1945] p. 566)

Os gestos de adequação à vida nas cidades urbanas garantem um lugar para o sujeito neste grande mercado que é a sociedade pós-moderna, mas ao mesmo tempo, acabam por obrigá-lo a desviar-se de um projeto sintônico com sua forma de pensar e sentir. Encontramos pessoas muito eficazes nos seus afazeres embora desconhecedoras do que se passa dentro delas mesmas. O envolvimento com as inúmeras tarefas do cotidiano rouba desses indivíduos um espaço reflexivo importante, cuja função é informar e traduzir para eles mesmos a quantas andam em relação à própria vida.

No mundo pós-moderno, desejar um caminho autêntico para si pode trazer alegrias e tormentas posto que, diante do excesso de definições sobre o que é a felicidade e o bem suceder, é preciso que a pessoa tenha gosto pela seletividade e uma generosa dose de confiança em si. Alegrias seriam relativas ao sentimento de ser agente da construção das próprias memórias, bem como da possibilidade de mais conduzir a vida do que por ela ser conduzido, em suma, poder inventar o mundo traz para uma pessoa o sentimento de potência. Tormentas podem surgir quando a pessoa dispensa a si como principal referência e passa a escutar, por exemplo, a mídia como fonte formadora de atitudes, permitindo assim ser inventado pelo mundo e abrindo mão de uma forma mais audaciosa de viver.

Vale destacar aqui a diferença qualitativa entre alguém que adquire uma forma e alguém que constrói uma forma. Uma aquisição de uma forma de ser pode se dar em uma decisão incorporativa por parte do sujeito, já uma construção trata de um outro processo, que envolve identificação. Como bem demarcou Certeau (1994), citando Bourdieu e reutilizando a noção de *habitus*: “as práticas

(*exprimindo o adquirido*) respondem adequadamente às situações (*manifestando a estrutura*)”. De outra maneira, uma construção pessoal se dá aos poucos, baseada no jogo entre identificação, empatia e outras práticas adaptativas. A idéia de construção também pode ser remetida ao termo *Bildung*, surgido na segunda metade do século XVIII. A proposta seria a da formação de um indivíduo, de um povo e também da arte, como um processo.

As sociedades atuais entretêm o sujeito de tal forma que antes de descobrir quem poderá ser, ele já é requisitado a pronunciar-se ou posicionar-se. A proposta pós-moderna é a de que vivamos experiências de simultaneidade e ecletismo como se esse modo de viver fosse talhado para nós, o que é revelador do atual pensamento sobre a condição humana (viver com naturalidade a artificialidade). Segundo Harvey (2007), a transição do pensamento iluminista sobre a humanidade para a era moderna trouxe complicações e implicações:

(...) desejo insistir em que o problema do pensamento iluminista não estava na carência de um conceito do ‘outro’, mas no fato de perceber o ‘outro’ como tendo necessariamente (...) um lugar específico numa ordem espacial concebida, do ponto de vista etnocêntrico, como tendo qualidades homogêneas e absolutas (p. 228).

Em outras palavras, o conceito de pós-modernidade usado por nós nesta pesquisa abarca essencialmente dois eixos importantes em termos de acontecimentos destacáveis: o alto uso da tecnologia no cotidiano e a fragmentação dos valores com o fim das narrativas tradicionais. As implicações deste contexto para a formação das pessoas na era contemporânea são muitas, mas gostaríamos de atentar para a atual relação que elas têm com o tempo subjetivo e com o próprio imaginário. Percebemos um grande descompasso no trânsito entre o tempo interno (privado) e o tempo externo (público). Supomos que apesar de estar perdido e confundido, este “privado” resiste e reside em cada um, conforme assinala Winnicott (1983) ao falar na inviolabilidade do *self*.

O imaginário particular de cada um é tão invadido pela proposta de total imersão na virtualidade que a experiência de sonhar fica desvinculada da realização do sonho, pois, por exemplo, na vida pós-moderna, vislumbrar alguém numa *web cam* é estar com esse alguém. Pode ser que a experiência de transitar virtualmente no cotidiano num modo rotineiro enfraqueça a relação do sonhador com o seu sonho, embora saibamos que a qualidade sensorial presente nos sonhos

oferece ao sonhador sensações reais, pelo fato da pessoa estar “vivendo” tudo o que se passa no filme onírico.

Não sabemos se a baixa intensidade do estado de consciência durante o sono também se apresenta nos momentos em que alguém está navegando por endereços virtuais. Percebemos que há um grande envolvimento ou uma grande atração de um navegador pelas vivências oferecidas pelo universo virtual, mas o grau de consciência nestas situações parece conter mais vigília do que relaxamento. São diferentes qualidades de experiências: o sonhar e o navegar pela tela do computador, embora tenham em comum a proposta do real impalpável, uma certa mágica ou mesmo mistério para o sonhador ou para o usuário. Sabemos que o fascínio do ser humano por imagens vem do longa data. Sobretudo se elas mostram movimento e luz.

A palavra “sagrada” quando acompanha a palavra “experiência” mais parece uma redundância, mesmo assim, gostaríamos de resgatar a idéia de que a qualidade das experiências vividas de fato e assinaladas por quem as vive, costuma trazer um caráter sagrado, no sentido de inviolável. Eis aí um sinal permanente da existência: cada um se sentir apto a traduzir para si mesmo os acontecimentos que promove e os acontecimentos que lhe são acometidos. Chamamos aqui de acontecimentos, tanto sonhos, fatos reais, quanto o que alguém produz a partir da narrativa alheia, como nas lendas e mitos. Sobre a relação entre a manutenção dos mitos e a racionalização, Bittencourt (2002: 41) escreveu, inspirada em Certeau:

Os mitos não desapareceram com o advento da racionalização. Eles reinam, ao contrário, nas ruas das cidades, exibindo ao mesmo tempo as imagens dos sonhos e a repressão da sociedade. São estes sonhos que, associados aos objetos, povoam a publicidade. Nas palavras de Certeau (1995), eles “*expõem uma utopia que metamorfoseia o comércio em uma literatura imaginária*”. As mitologias revelam desta forma aquilo em que não se acredita mais, e que se busca em imagens, na ficção. As imagens têm por peculiaridade cumprir uma dupla função: *enganam simultaneamente a fome e a ação*. Sinalizam uma recusa a perder e uma recusa a agir.

Quem são os narradores na era pós-moderna? De que forma cuidam de sua lucidez, da noção crítica das coisas?

A linguagem da sociedade moderna e pós-moderna segue um brilhante achado do mercado que surgiu de modo mais evidente no início dos anos 1970, período onde a proposta *hippie* ainda estava bem presente na forma de viver de

muitos. Este achado é a convocação do indivíduo para a escolha de uma vida feliz. Para Maffesoli (1996: 88), a felicidade “*é uma constante irreprimível, que percorre em profundidade toda vida em sociedade, e, talvez, até lhe sirva, pura e simplesmente, de suporte*”. A propaganda de qualquer produto nos diversos veículos (TVs, *outdoors*, jornais, revistas e internet), os discursos políticos, os livros de auto-ajuda, os planos para investimento financeiro, as sempre novas dietas e exercícios físicos, os sempre novos superalimentos descobertos pelos nutricionistas e os últimos medicamentos vitamínicos, todos, oferecem a quem adquirí-los, uma vida muito melhor. Eis aí a “constante irreprimível”.

Consideramos que o desejo de ser feliz funciona como um dos fortes motivos de adesão do sujeito à linguagem convidativa do mercado. As pessoas querem ser felizes e ter um lugar na sociedade, seja este um esconderijo ou um grande palco. É seguindo este mote que o texto publicitário parece ser criado e dirigido ao público. Ao termo felicidade, Certeau (2005: 47) acrescenta o fator erótico porque ele está embutido como um recurso sedutor em toda a linguagem publicitária e porque está também mesclado à idéia de felicidade:

O erotismo vem imediatamente após os produtos alimentícios e antes de tudo o mais (a felicidade, a saúde, etc) (...). É o resultado normal de uma publicidade que celebra as sensações do comer e do beber, os deslumbramentos da boca e dos lábios, (...) os prazeres da pele, as metamorfoses olfativas da respiração ou as liberações do corpo, que se alivia de seu peso. Por toda parte anuncia-se, com uma festa dos sentidos, uma festa do corpo. Mas um corpo fragmentado, inventariado graças a um desmembramento analítico, decomposto em regiões sucessivas da erotização.

Os indivíduos são tratados assumidamente pela sociedade de consumo como clientes e, mesmo conscientes disso, parecem estar fadados a entrar no jogo. Esta é outra das características da pós-modernidade, na qual a estética se sobrepõe à ética. Vale mais, talvez, o que me mostram do que o que eu posso fazer acontecer (este um possível *slogan* contemporâneo). Uma boa imagem para ilustrar o que dizemos seria a de um sujeito que, na areia de uma praia, permite que o mar mergulhe nele. É mais o mergulho do mar do que o movimento do mergulhador. Não se trata de um sujeito a atravessar as ondas, mas de águas que o atravessam, feito o mar a banhar-se no banhista. Porém, há ainda a possibilidade do sujeito, diante das ondas enormes que a sociedade traz, avaliar o volume d'água e então eleger como, quando e onde irá nadar.

Nesta brecha de imprecisão sobre quem e para o quê somos, atua o *show* de ofertas do mercado com infinitas opções, o que pode confundir o psiquismo visto que receber ofertas é uma situação que guarda semelhança com o ato de escolher. A linguagem comercial não deixa dúvidas de que basta clicar na opção “ir para o caixa” para ter não só o produto, como todo o pacote mágico incluso: companhia amorosa, admiração por parte dos amigos, grandes oportunidades e uma vida melhor. Enfim, a promessa do mundo espetacular é a de que sempre haverá um novo arranjo para a experiência de ser, como se fosse possível adquirir um estado de coisas da mesma forma que se adquire um perfume. Mas nem só de ilusão vive o homem. Apesar de todas estas dificuldades para driblar um meio ambiente tantalizante como o dos grandes centros urbanos, muitos indivíduos esforçam-se para preservar o sentimento de originalidade. Mesmo diante deste mar de propostas infinitas para se ser, procuram não se perder.

Sobre a capacidade de lidar com as excitações internas e externas, Pontalis (2005: 62) fala em mobilidade do psiquismo, pois para ele, experiências têm a ver com mobilidade:

O *experiencing* supõe uma mobilidade dentro do psiquismo, ou seja, como insistem vários autores anglo-saxões interessados no problema da criatividade, uma ‘dissociação’ que não chega até a clivagem. A essa capacidade de tolerar o informe deve somar-se uma capacidade de elaboração que exige uma distância mínima, certo jogo em relação às excitações externas e internas. Quando a dimensão da experiência não está presente, o funcionamento mental é apenas uma prótese: cicatriz da “falha básica” (Balint), edificação do “falso self” (Winnicott).

Vimos até aqui alguns traços importantes do ambiente contemporâneo: a ultrapassagem de barreiras espaciais e temporais (simultaneidade e globalização); a vivência da verdade mais como aquilo que é visto do que aquilo em que se acredita internamente (a soberania do mundo das imagens); a superacumulação de capital, de miséria, ofertas de estilos de viver e ser, de significados e signos; a estética sobrepondo-se à ética; a ciência a serviço dos laboratórios químicos e da busca pela longevidade; a informação excessiva dos noticiários e propagandas; a permanente fabricação de objetos e, por contiguidade, de necessidades.

Este é o panorama resumido diante do qual os indivíduos desta era constroem suas vidas. As grandes cidades pós-modernas apresentam-se, de modo geral, altamente poluídas em termos sonoros, imagéticos e pouco estimulam a

atividade de pensar criticamente. O sujeito contemporâneo vem convivendo com a falência de valores e direitos humanos fundamentais e com contrastes dualistas, como bem e mal, abundância e miséria, altruísmo e oportunismo, vida e morte, sendo que estas situações se apresentam de uma forma altamente intensa e desafiadora para a sensibilidade humana. Isso sem perder de vista que o caráter da simultaneidade e da velocidade das experiências vividas incidem sobre uma valiosa parte do cotidiano dos cidadãos urbanos.

Que a postura do mercado permaneça sendo a busca pelo lucro não nos impressiona, este é o seu moto contínuo. Agora, que mesmo diante de tanta pobreza e miséria ostentadas por cada sociedade a nossa contribuição seja o silêncio, é de causar espanto e curiosidade. Duas ponderações parecem proceder: a banalização do sofrimento (do outro) e o alto valor dado ao dinheiro. Com relação ao dinheiro, acredito que ele seja a atual resposta à pergunta “o que move o mundo?”. Tempos não muito atrás, a resposta já fora “o amor romântico”. Poderia-se dizer que o idioma mais falado no mundo é o dinheiro, depois do inglês e do espanhol.

Sobre a banalização da existência do outro, sobretudo desse outro que sofre de privação da graça de viver bem, observamos que o fato de a miséria humana ser tão documentada, filmada e mostrada acaba por transformá-la em um objeto de estudo assimilado e por isso mesmo “esquecido”. Em outras palavras, o infortúnio humano acaba sendo destacado cirurgicamente da realidade e incorporado à “ficção” das estatísticas. Filmar um documentário retratando o cotidiano no Complexo do Alemão é promover debates, sem dúvida muito importantes porque sensibilizam os espectadores, mas neste processo, acontece também a captura de uma realidade. Isso é experiência pós-moderna: uma realidade pode ser capturada pela linguagem cinematográfica e migrar para o campo ficcional, por conta do aparato técnico usado e pelo literal enquadramento das imagens.

Assim, o espectador contemporâneo pode viver ao mesmo tempo um grande envolvimento pelo contato virtual com a história que vê e também viver um des-envolvimento (ou distanciamento) pelo fato de não estar “de verdade” lidando com o que vê. Sem querer de forma alguma retirar o valor de obras do cinema como “Cidade de Deus”, é importante ampliar a nossa percepção e pensar talvez em duas coisas. Primeiro, que a violência humana nos deixa estupefatos e

desperta em nós a necessidade de transformá-la em algo (minimamente em denúncia ou em obra de arte reflexiva); segundo, que o cinema nos permite visitar situações e sensações da forma mais “real” possível com a vantagem de nos deixar protegidos da morte (e isso serviria como uma pesquisa para compreender o que se passa no mundo).

A virtualidade de muitas experiências é para o sujeito uma sofisticada forma de estar no mundo. Transitar entre as medidas do real e do fantástico requer auto-conhecimento e noção do mundo em que se vive. Em certo sentido, essa relação de caráter virtual com o mundo é um dos fatores a contribuir para a banalização dos fatos. Outro fator complexo para ser explorado é oriundo da forma individualista (ou narcisística, como diz Lipovetsky [2005]) com que somos aculturados, sobretudo nas grandes cidades. Sermos milhares em espaços que não nos comportam e também tentarmos ser cuidadosos para não invadirmos a individualidade alheia é constante exercício para muitos de nós. Este mesmo exercício reduz consideravelmente o contato entre as pessoas.

Uma das consequências deste panorama desenhado parece ser a perda da capacidade de se colocar no lugar do outro, o que enfraquece o aspecto gregário e solidário da raça humana. O comportamento individualista revela também ignorância ou infantilismo, pois sabemos (em teoria) que cuidar do ambiente, cuidar do bem estar do outro é ampliar o nosso próprio bem estar. A proposta de globalização não parece ser séria o suficiente a ponto de poder desmanchar a mais conflituosa fronteira “geográfica” situada entre os desafetos e os modos narcísicos de ser.

Sendo assim, pensamos que é preciso se ter um filtro para lidar com todas as impurezas e excessos que nos empanturram e nos impactam. A função e a razão desta filtragem podem estar referidas à manutenção e proteção da sensibilidade. Melhor dizendo, os sujeitos buscam amortecer os impactos do meio externo sobre si mesmos para não perderem o jeito sensível e prazeroso de viver. Para os sentidos, há mais estímulos a registrar do que tempo para senti-los, considerá-los e catalogá-los. Parece haver mais ‘entrada’ do que ‘saída’. Do ponto de vista de Simmel [(1910) 1976: 13], o homem moderno é submetido a uma permanente estimulação nervosa, e para não acomodar-se nesta forma de viver, “*reage com a cabeça ao invés do coração*”. Para este autor, a vida metropolitana faz com que o indivíduo proteja seu mundo subjetivo através da intelectualidade. Percebemos

que esta é somente uma das saídas protetoras para que o nosso psiquismo possa tolerar o excesso de estímulos a que se vê submetido.

2.2

Cinco sentidos e um sujeito

As ciências humanas e especialmente alguns autores da escola inglesa de psicanálise, enfatizam as relações objetais e o papel formador do ambiente externo quando abordam o tema da experiência e tratam o ser humano como um ser estético. De uma outra perspectiva, percebemos que boa parte dos pensadores reunidos neste trabalho descreve o homem pós-moderno como aquele que sobrepõe a estética à ética. Maffesoli (1996: 28), por exemplo, fala numa ética da estética e destaca certas atitudes contemporâneas como um recurso usado pelos indivíduos para manterem um "estar-junto" (com isso ele quer dizer “sentir em comum”):

A potência coletiva cria uma obra de arte: a vida social em seu todo, e em suas diversas modalidades. É portanto, a partir de uma arte generalizada que se pode compreender a estética como faculdade de sentir em comum.

Sentir em comum pode envolver o entrelaçamento do já-vivido com o vivido-agora e esta sempre foi uma tarefa lúdica com função autobiográfica para todo indivíduo. Esta tarefa lúdica inicia-se, como bem escreve Winnicott (1975), na infância, quando uma criança expressa seu desconhecimento do mundo, brincando de reproduzi-lo a sua maneira. É sempre bom enfatizar que o brincar winnicottiano constitui uma sofisticada experiência de elaboração do ser em relação ao mundo e, se vivida sem grande ansiedade, auxilia na construção da *capacidade para estar só* (1958).

Comentaremos, brevemente, como a sensibilidade humana pode ser afetada pela proposta contemporânea de viver tendo sempre em vista a idéia da mobilidade psíquica. Existem muitas interferências que influem sobre a forma com que os indivíduos urbanos captam suas impressões e produzem para elas sentido e destino. Dentre elas, destacamos o modo veloz de ação, fala e pensamento, impresso e expresso especialmente pela linguagem publicitária e pela rapidez que a internet trouxe para as relações. Há também a marcada presença de

um modo descritivo-explicativo, encontrável nas etiquetas⁷ e bulas dos produtos confeccionados para consumo que servem para preparar o sujeito acerca do que ele irá sentir e pensar diante do que adquiriu.

Sobre a forma veloz de ser, podemos exemplificar citando a diferença entre o tempo para um internauta aguardar um email ser enviado (cerca de cinco segundos) e o tempo que um morador de Alegrete, RS, espera em uma fila para sua carta ser postada e chegar ao destinatário em talvez cinco dias. Cinco segundos para cinco dias. Não é contra-senso pensarmos que a impaciência do internauta para suportar a espera é maior do que a impaciência do morador do interior relativa aos cinco dias. A velocidade passou a ser totalmente incorporada ao nosso estilo de viver e isso influi consideravelmente na qualidade apreciativa para a vida e nas relações afetivas em geral. As experiências particulares perdem o seu tempo subjetivo de acontecimento e passam a ter um tempo urgente. Nos parece que a experiência das pessoas com o tempo está em desarranjo.

Quanto à forma descritivo-explicativa de relacionamento dos fabricantes com os consumidores, podemos facilmente encontrá-la nos lugares aonde vamos (“Sorria, você está sendo filmado”)⁸, nos alimentos que ingerimos (“não contém glúten nem gordura trans”), nos filmes que assistimos (“este filme contém cenas de violência e sexo e é recomendado para maiores de 16 anos”) e nos papéis que usamos nas impressoras (“esta fábrica colabora com o processo de reciclagem”). Esta forma tem a função de informar e antecipar o que iremos sentir em relação às experiências que estão por vir. Nestes casos, a informação precede e influi na experiência de fruição do sujeito com o objeto. O fato de um objeto ou uma situação serem desconhecidos para o sujeito, qualifica a experiência que ele viverá como autoral e isto se perde com as interferências contidas nos *advertisements*. Chamamos aqui de autoral o exercício de apropriação das experiências vividas e a sensação de verdade e sobriedade nele contidas. Qualidades de experiências como essas remetem o sujeito à confirmação de um real sentimento de existência. Mas por outro lado, ao preparar o sujeito para o que ele vai experienciar, as etiquetas explicativas retiram o caráter espontâneo do que iria acontecer e acabam dirigindo a sensibilidade para um determinado ponto de atenção. O que o sujeito iria

⁷ Ver imagem no final do trabalho em anexo (p.112).

⁸ Ver imagem no final do trabalho em anexo (p. 111).

constatar após sua experiência particular é antecipado sob este formato explicativo-descritivo acoplado aos mais diversos produtos.

Ao contrário da interferência no gesto espontâneo, podemos lembrar das brincadeiras infantis nas quais a criança entra em estado de grande envolvimento e criatividade com suas elaborações acerca do mundo, como num sofisticado diálogo entre ela e os elementos cotidianos que a vida lhe apresenta. Diz Winnicott (1975: 62):

(...) o *brincar tem um lugar* e um tempo. Não é *dentro*, (...). Tampouco é *fora*, o que equivale a dizer que não constitui parte do mundo repudiado, do não-eu, aquilo que o indivíduo decidiu identificar (com dificuldade e até mesmo sofrimento) como verdadeiramente externo, fora do controle mágico. Para controlar o que está fora, há que *fazer coisas*, não simplesmente pensar ou desejar, e *fazer coisas toma tempo*. Brincar é fazer.

Brincar, na acepção winnicottiana, acalma a criança no sentido de que gera acomodações para suas inquietações, ao mesmo tempo em que restaura para ela sua condição infantil. Se houvesse uma legenda para estes momentos lúdicos esta poderia ser: *enquanto brinco, garanto e reinstauro para mim o meu status de criança, que me isenta de certas obrigações; ao mesmo tempo, me arvo a imaginar até onde já consigo enxergar em termos da compreensão desse grande mundo para o qual estarei sempre me dirigindo e às vezes me retirando*. O brincar winnicottiano permite ao sujeito o exercício psíquico de se deslocar temporal e espacialmente e constatar as sensações advindas dessa experiência (É sobre essa mobilidade psíquica que Pontalis escreveu). Desse brincar costumam resultar os arranjos internos que cada um constrói para dar conta do que é a vida, de como se deve estar nela e se esta é uma experiência interessante. Sobre a qualidade desse brincar e também sobre o que vem a ser experiência, escreveu Benjamin (1985 [1928]):

(...) ninguém é mais sóbrio com relação aos materiais que a criança: um simples fragmento de madeira, uma pinha ou uma pedra reúnem na solidez e na simplicidade de sua matéria toda uma plenitude das figuras mais diversas. (p. 246) (...) toda experiência profunda deseja, insaciavelmente, até o fim de todas as coisas, repetição e retorno, restauração de uma situação original, que foi seu ponto de partida. (...) O adulto alivia seu coração do medo e goza duplamente sua felicidade quando narra sua experiência (p. 253).

Acabamos de explorar um estado de coisas que precisa de certas condições básicas para acontecer, ou seja, de um ambiente facilitador. Importante notar que o ambiente a que este trabalho se refere é mais complexo que facilitador e é também muito confuso e ambivalente. A experiência da simultaneidade, por exemplo, estará presente neste trabalho para que assinalemos uma qualidade de experimentação de curta duração e em geral fragmentada, em sobreposição com outras vivências paralelas. Esta parece ser uma grande marca contemporânea: a sensorialidade trabalhando objetos diversos, em um mesmo tempo e espaço e em alta velocidade. Maffesoli (1996) refere-se a este estilo de viver multiformatado como sendo uma "configuração caleidoscópica" e descreve uma "ética do instante", na qual o sentido das experiências é encontrado de forma intensa e no momento em que elas se dão. Segundo este autor, *"o prazer dos sentidos é constitutivo do impulso vital, ele 'faz' sociedade, funda a socialidade primordial"*. Para recortar o que se quer observar acerca da percepção individual em um mundo hiperbólico, seguem breves pontuações sobre os nossos cinco sentidos.

2.2.1

O Paladar

Para falar em apreciação gustativa é importante citar que o conceito de culinária contemporânea internacional recorre a uma combinação em que a química entre ingredientes inusitados e a apresentação visual dos pratos é altamente valorizada. Esta técnica vem sendo chamada de “gastronomia molecular” e seu expoente autor é o chef catalão Ferran Adrià. No Brasil, o chef Alex Atala, em um de seus mais recentes livros (2008) fala sobre a “nova teoria do gosto”, cuja pesquisa vai além da idéia de sensação gustativa e investe no traço multissensível da percepção. A proposta da gastronomia atual é oferecer aos clientes alongamento do sabor, maior concentração das moléculas aromáticas e sápidas e justaposições do tipo cru/cozido, quente/frio, ácido/básico, duro/mole. Como era de se esperar, o estilo pós-moderno está impresso na culinária atual, porque nela podemos observar a junção de elementos contrastantes convivendo num mesmo prato. O próprio Atala escreve:

(...) buscam-se justaposições a partir da aproximação de ingredientes que remetem a registros distintos, por exemplo, a união em um mesmo prato de matérias-primas de regiões ou tradições culinárias diferentes. (p 69)

Em anexo, há uma ilustração do que vem a ser a "entrada" para um prato chamado "The sound of the sea"⁹ criado por Heston Blumenthal, proprietário do restaurante Fat Duck, nos arredores de Londres. Ao pedir esta iguaria, o cliente recebe uma enorme concha de caramujo dentro da qual encontra-se instalado um ipod com sons de ondas de mar gravados. Por cinco minutos o cliente entra em contato auditivo com esta atmosfera e só então seu prato chega para ser degustado. O paladar em tempos contemporâneos é também enriquecido pelas sensações que os outros sentidos podem acrescentar.

2.2.2

O olfato

O olfato parece ser um sentido esquecido. É pouco explorado pelo próprio indivíduo e pelos ambientes que o mercado constrói. Talvez ele permaneça sendo aquele que propicia recordações especiais, relativas a um cheiro de alguém com quem se conviveu na infância ou ao odor de um lugar que se frequentava. Sabemos que ele é altamente importante na definição de um paladar, mas aqui em separado ele costuma ter a básica e restrita função de orientar sobre o agradável, o desagradável ou o perigoso. O sentido do olfato recebeu estudo da alta tecnologia por parte do Jet Propulsion Lab da Nasa que desde 1998, vem aprimorando um nariz eletrônico que ganhou o nome de ENose (Unidade Sensorial Autônoma Enose)¹⁰. Pelo fato da respirabilidade do ar ser fundamental nas estações espaciais como a ISS, o Enose foi desenvolvido para identificar e mensurar alterações atmosféricas imperceptíveis (provocadas por vazamentos de produtos químicos) que poderiam colocar a vida dos astronautas em risco.

Assim como já podemos “terceirizar” nosso material mnemônico para as agendas eletrônicas e outros serviços de computação, agora é também possível instalar em nossas casas um serviço olfativo com diversos fins. Isto significa ampliar ou enfraquecer nossas habilidades sensíveis?

⁹ Ver imagem no final do trabalho em anexo (110).

¹⁰ Ver imagem no final do trabalho em anexo (111).

2.2.3

A visão

Michel de Certeau (2005: 43) escreve sobre o “ver”: “*Vê-se tanto mais quanto menos se toma*”. O montante de imagens cotidianas oferecidas a um indivíduo orienta o seu olhar na direção de ambições e aquisições. O sentido da visão é intensamente explorado e fica submetido às tempestades dos apelos mercadológicos. Seja em revistas, *outdoors*, jornais, TVs, cinemas e teatros, numa ponte aérea, nos elevadores dos edifícios, banheiros públicos, em toda a parte, encontram-se espalhadas as publicidades. Este é um ponto.

Outro ponto refere-se à idéia de visibilidade associada à sensação da própria existência. Dar visibilidade, na acepção tradicional do termo, é tornar transparente uma verdade, uma imagem ou uma situação. No caso das sociedades em questão, o conceito de visível passa para um nível de maior concretude, no sentido de que o que existe, existe porque é visto e o que aparece é importante porque aparece. O que a mídia disponibiliza para o indivíduo é algo como “sou visto, logo existo”. Para Certeau (2005), o imaginário necessariamente ligado ao ato de ver, desdobra-se no contemporâneo para além da criatividade, o que se observa com o aumento de pessoas *voyeurs* e contemplativas. Ver, para algumas pessoas da pós-modernidade, traz a sensação de ter vivido o visto, ou seja, essa experiência quase-total desloca o indivíduo para um campo meio mágico, o qual Winnicott denominou “área de ilusão”. Achar que viveu o visto, à semelhança do que o cinema propõe, é uma experiência que lembra uma simulação do viver.

Segundo a programação televisiva mundial, o que o público quer ver é a si mesmo, vivendo situações cotidianas. Talvez por isso, estejamos presenciando a proliferação de programas como *Big Brother Brasil*, *No Limite*, *American's Next Top Model* e outros reality shows. Parece tratar-se do que Gabler (1999) nomeou como “*lifies*”. Ele usa o termo para juntar as idéias de entretenimento e vida real (a palavra é uma junção de outras duas: *life* e *movies*).

2.2.4

O tato

Todos nós sentimos a aglomeração de pessoas nas cidades e pouco contato de fato entre elas. A proximidade dos corpos nos metrô, ruas e *shows* pode indicar um desejo de interação? O mercado do bem-estar oferece diversas terapias corporais e inúmeras propostas de alterações e correções para os corpos através das cirurgias plásticas. Entretanto, parte dessa clientela pretende alterar ou eliminar as sensações não-gradáveis que sentem acerca de si mesmos. O corpo é tratado como um corpo-coisa que serve como cenário para modificações e acertos através de tatuagens, *piercings* ou cirurgias que acrescentem ou retirem volumes e formas. Ter a liberdade de interferir no próprio corpo não traz necessariamente para o sujeito contemporâneo uma consciência de si. Esta liberdade onipotente dos indivíduos que se submetem a diversas interferências, passa por uma gradação que lembra desde a atitude inconsequente de uma criança brincando até uma desconsideração relativa ao que seja original ou precioso em si mesmo. São corpos manuseados demais e também bastante estimulados, seja por um *drink-blended* de açaí, clorofila e guaraná em pó, ou por uma mistura de vodca com redbull, *ecstasy* e outros aditivos químicos.

Maffesoli (2005) considera estas interferências corporais, incluindo os body-buildings e a medicina cosmética, como "jogos da aparência" que no fundo, buscam comunicação com o outro e inscrição no sistema simbólico.

2.2.5

A audição

Nas famílias, nas amizades e entre o poder público e os cidadãos, a pós-modernidade oferece pouco espaço para escuta. Onde uma população implora por redes de esgoto e hospitais, constroem-se vilas olímpicas; onde encontra-se um estado de miséria, erguem-se condomínios de luxo. A audição na pós-modernidade parece ser representada pelo silêncio e pela surdez. O sujeito é silenciado não só em situações drásticas. É também calado quando adentra uma sala de diversão com sons estridentes, associados às luzes estroboscópicas e paredes pintadas com cores vibrantes e piscantes. Nas ruas, os altos decibéis do

barulho dos automóveis, buzinas e sirenes fazem qualquer um desistir de dar bom dia para outrem. Muitos de nós adotamos o uso dos pequenos *phones* musicais, que promovem um isolamento e trazem uma constância definida. Ficar alheio e surdo ao grande espetáculo é uma das alternativas para o sujeito, como já explicitou Simmel (1976) ao falar do sujeito *blasé*.

2.3

Um abrigo para o ser

Pelo visto, ainda contamos com o mesmo aparato sensorial de sempre: cinco sentidos orientados de preferência pela inteligência. Mas percebemos que aquilo que poderia ser chamado de mais um sentido, a boa noção das coisas ou a boa qualidade do estar consigo, é uma das capacidades mais atingidas pelo grande espetáculo. A pessoa no mundo contemporâneo depara-se com dificuldades para encontrar uma morada confortável para si. Safra (2004: 27) utiliza o termo “*ethos*”, especificamente nas acepções de práxis e morada, para descrever o percurso humano na direção da procura de um lugar em sua comunidade: “*A ética desvela-se como beleza, como verdade, como dignidade, como presença de si e do outro*”. Ele acrescenta que no mundo pós-moderno acontecem fragmentações no *ethos*-morada, gerando extremo sofrimento para quem vivencia esta dor. Seguindo este pensamento, é ao longo das experiências pelas quais passamos que vamos estabelecendo uma ética para agir em sociedade. Alguns de nossos pacientes queixam-se de uma dor relativa a um não-lugar e, coincidentemente, encontramos em suas histórias pessoais a experiência de não terem sido vistos.

Se houvesse um *slogan* que representasse o pensamento do mercado em relação aos indivíduos, o mesmo poderia ser: sujeito é para ver, não para ser visto. Parece haver uma ilusão por parte do mercado traduzida pela crença de que todas as pessoas podem ser capturadas por essa forma interativa-comercializada de viver. A ilusão relativa aos indivíduos consumidores é a de que estão sempre cientes de suas escolhas. Não queremos dizer com isso que a inteligência e a sensibilidade humanas estejam completamente reféns de todo um sistema e sim que a criatividade humana vem sendo distraída porque a sociedade do espetáculo (ou a sociedade dos excessos) tem a si mesma como centro de tudo. É perceptível

para nós todos que há um desvio que descentra o indivíduo de sua pesquisa pessoal para uma grande tela sedutora.

Pretendemos observar se, por parte do espectador, o que move esta parceria com o mercado é um profundo desejo de pertencimento, um grande medo da solidão ou, quem sabe, uma terceira possibilidade. Há inegavelmente uma forte tendência humana de aderir às propostas de felicidade que a mídia oferece, pois seja qual for a mercadoria, ela existe, segundo o mercado, para nos satisfazer. O que a atual configuração social apresenta como boa colocação no mundo é uma flutuação permanente pela sucessão de tendências. Aparece aqui uma importante palavra para esta pesquisa: *fashion*. Este termo popularizou-se de tal forma que é largamente utilizado para além do universo da moda, ambiente que o recuperou e elegeu como perfeita tradução de si.

O que vem a ser *fashion* para um adolescente ou uma jovem senhora? As respostas serão muitas, mas provavelmente girarão em torno de um conceito definido pelo *stablishment*. Outro produto oferecido para venda, além da felicidade e de se estar sempre *fashion*, é a idéia de que as pessoas pós-modernas têm atitudes. Segundo Stuart Hall (2006), ter atitude é marcar sua presença no mundo. Por outro lado, para deixar esta marca, o sujeito pós-moderno assume temporariamente muitas e diferentes identidades, comprometendo a coerência interna do eu e promovendo uma “descontinuidade” no ser. Podemos pensar que dispor de um repertório de atitudes para diferentes situações pode levar o indivíduo ao que anteriormente Safran denominou de fragmentação do *ethos*-morada. Este parece ser o risco ao qual as pessoas na atualidade estão submetidas. Para nós, o conceito de ter atitudes, agir na direção do existir, assemelha-se ao que Merleau-Ponty (2006: 511) pontua:

Não é verdade que minha existência se possua e também não é verdade que ela seja estranha a si mesma, porque ela é um ato ou um fazer, e porque um ato, por definição, é a passagem violenta daquilo que tenho àquilo que visto, daquilo que sou, àquilo que tenho a intenção de ser.

O que Merleau-Ponty considera como violenta (a passagem do que visto para o que sou), compreendemos como motilidade e assertividade da pessoa em favor de uma boa expressão no mundo. Para as pessoas de quem falamos, atribuímos uma qualidade mais sutil, que não dispensa assertividade nem

motilidade, mas traz discreção. Quando falamos do valor que estas pessoas depositam nas atitudes, queremos dizer que muitas vezes elas atropelam uma sequência e descobrem que são somente depois de terem feito algo. Antes de serem espontâneas, são cuidadosas, intensificam a própria capacidade de filtrar as experiências com o mundo externo (em geral, diminuindo a sua habilidade de ser permeável). Se é possível dizer, nos parece que há um desejo mágico de poder controlar o espontâneo de modo que ele não leve a lugares de sofrimento. Não deixa de ser uma ética a serviço da estética. Ou trata-se do contrário? Notamos que muitas pessoas aceitam formas provisórias de ser e somente quando já há uma considerável coleção desses traços, como em uma bricolagem, é que se integram numa forma de ser mais duradoura. O que constatamos na contemporaneidade é a presença de uma maior tolerância para suportar a incompletude em face do ambiente que sugere permanente mutação.

Para Safra (2005), o *self* se organiza de forma estética em relação ao tempo e ao espaço e esta “arquitetura” origina-se na presença de um outro. As variações relativas à interação com o outro influirão na construção de cada um. Neste sentido, o *self* é um acontecer diante do mundo. Seguindo este pensamento, o desafio interno do sujeito atual situa-se entre estar consciente (uma condição) e estar iludido (uma tentação). Não é tanto o forte poder de manipulação que a sociedade exerce sobre os indivíduos através, por exemplo, da permissão cedida aos meios publicitários para transformar qualquer objeto em algo excepcionalmente fundamental; é também o desejo ou a vontade de ser iludido que o ser humano traz consigo e que cai feito uma luva para a publicidade. Baudrillard (2007), reforça a idéia de Boorstin para comentar esta via de mão dupla entre publicitários e consumidores:

(...) é preciso desculpar os publicitários – a persuasão e a mistificação não provêm tanto da sua falta de escrúpulos quanto do prazer que temos em ser enganados: procedem menos do seu desejo de seduzir que do nosso desejo de ser seduzidos. (134)

Mas voltemos à idéia do encantamento que a expressão “o mais novo” exerce sobre o cidadão. Ainda podemos dividir o mundo entre pessoas tradicionais e pessoas modernas. Na categoria “modernos” estão aqueles que correspondem ao que atualmente a sociedade descreve como tal; mas queremos também incluir as pessoas que sentem o desejo de ser assim, mesmo morando no

interior e andando à cavalo, pois isto não as impede de quererem estar “chic no último” (expressão interiorana correspondente à *fashion*, usada no interior de São Paulo e Goiás). Este sentimento de querer ser moderno independe da classe social ou do grau de instrução dos indivíduos. A propaganda comercial antes de mais nada vende a “necessidade” de que precisamos adquirir coisas e formas de ser, mensagem que tem se mostrado de fácil assimilação. Dessa forma, ter atitudes e interagir com o mercado na posição de comprador parece oferecer a diversos indivíduos a sensação de estarem acontecendo no mundo.

Sobre este tema, há um interessante filme alemão de 1989, cujo título é “Rosalie vai às compras”. Nele, a principal personagem tenta ser mais hiperbólica na forma de construir sua práxis e sua morada do que o hiper mundo do consumo. Rosalie usa sua criatividade para ultrapassar uma realidade que lhe dá limites de atuação e a saída que encontra é uma negação dessa condição e uma busca desmesurada por grandes e sucessivas aquisições dos mais variados produtos que o mercado oferece. Há uma cena em que a personagem sai para comprar ingredientes para o jantar em família e retorna com um verdadeiro banquete sem fim de variedades e quantidades de comida. Seria uma grande ironia para o mercado se houvessem milhões de Rosalies, porque a personagem torna-se uma falsária, passa cheques sem fundos, usa cartões alheios e rouba o dinheiro da família, tudo para não parar o movimento de comprar.

Pensando bem, todos nós compramos produtos que são uma mistura de intenções: por parte da ciência tecnológica, por exemplo, a ânsia de apresentar objetos de “última geração”; por parte do mercado capitalista, a permanente oferta do “mais avançado” lançamento lucrativo e por parte do consumidor, um investimento na felicidade e na auto-afirmação. Na verdade, as motivações científica e comercial não se baseiam somente na necessidade dos povos e sim na proposta geral que impera nesta era que é a da abundância (inclusive do lixo que estas euforias especulativas produzem). A proposta do mercado é a de que os produtos precisam ser fabricados, assimilados e adquiridos. As pessoas no mundo contemporâneo lidam todo o tempo com isso e suas reações vão desde respostas humoradas e críticas até altas adesões a este esquema.

Para Baudrillard, compras e apropriações incessantes se devem ao excesso de mercadorias disponíveis. Em *A Sociedade de Consumo* (2007), ele denuncia o enfraquecimento da espontaneidade e da reciprocidade nas relações humanas e

segue afirmando que a publicidade “*faz do objeto um pseudo-acontecimento que irá tornar-se o acontecimento real da vida quotidiana através da adesão do consumidor ao seu discurso*” (p. 135).

2.3.1

Experiências estéticas e memórias

Em meio a essa profusão de objetos, intenções, satisfações e insatisfações, cabe uma pergunta sobre o papel da memória: se a qualidade do vivido é o que faz os traços mnêmicos ganharem registros bem definidos, o que podemos pensar sobre o sujeito que é tão provocado todo o tempo? Que tipo de arranjo particular pode reunir em um memorial, imagens do que eu sou, imagens que projetam para mim e imagens do que eu aparento ser? Huyssen ressalta para nós o fato de que qualquer recordação é de caráter virtual e que a memória é algo transitório: “(...) *qualquer coisa recordada – pela memória vivida ou imaginada – é virtual por sua própria natureza*”. Este autor (2000: 23) refere-se aos “comerciantes de memória de massa” neste contexto atual no qual, apesar do alto valor dado ao tempo presente há uma forte ligação com o que chamamos de passado. Este retorno ao passado mais parece um recuo diante das incertezas sobre o que seja o futuro e parece ser também uma fonte para implantação de memórias que não foram vividas. Seja como for, é importante para nós observar como é para o indivíduo lidar com estes diferentes níveis de experiências relativas ao tempo e que papel o esquecimento tem em todo este processo. Huyssen cita:

(...) muitas das memórias comercializadas em massa que consumimos são “memórias imaginadas” e, portanto, muito mais facilmente esquecíveis do que as memórias vividas. Mas Freud já nos ensinou que a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida. (p. 18)

Há também no livro de Huyssen uma menção aos “*remakes* originais”, idéia que ilustra muito bem o tipo de ambiente sobre o qual este trabalho pousa. O autor se refere ao lançamento americano de uma linha de produtos denominada Aerobleu que a partir de um fictício clube de Jazz, vende CDs, imagens e livros inspirados nos anos 1940 e 1950. Propostas assim para os indivíduos, estas

experiências são transformadoras de sua relação com a temporalidade e a realidade. Quando mencionamos uma sutil e diferente construção de subjetividade calcada em “ficções”, notamos gestos sintônicos em relação ao mundo em que vivem; parece haver uma atitude pacífica por parte de muitos indivíduos diante da forma como são tratados pela sociedade. Possivelmente, esta é uma das formas de fazer algum acordo com o excesso e com as alternâncias entre o real e o virtual. Nos tempos atuais as pessoas estão aprendendo a lidar com a dissolução entre as fronteiras do antes, do depois e do agora devido à proposta da simultaneidade das experiências. Assim sendo, para cuidar de uma continuidade relativa à própria existência cotidiana, algumas pessoas cuidam de sua originalidade a partir de um ambiente onde o *fake* é real e muitas vezes o real pode parecer *fake*. A experiência subjetiva contemporânea está mergulhada em imagens e espelhos que adiam a percepção do indivíduo sobre ele mesmo e o mundo em que vive.

Como Safra (2004: 116) nos faz lembrar, o processo de constituição de cada um está profundamente ligado à memória relativa à própria corporeidade; manter viva esta memória seria cuidar do *going on being*, em termos winnicottianos. Esta íntima comunicação da psique com o corpo tem sofrido fortes interferências advindas da sociedade espetacular e este quesito certamente influi nas atuais construções subjetivas.

A relação do sujeito com suas memórias está ligada à capacidade de narrar a si mesmo diante dos outros e inclui uma boa qualidade de estar consigo. O que alguém denomina como “minhas memórias” depende de um eu bem estruturado no sentido de bastante consciente do esforço que faz para se manter como intérprete entre o que vê e as decisões que toma a partir do que vê. Pensando assim, um narrador é aquele que conquistou um lugar no mundo, tem opiniões e mantém uma ligação com a continuidade do viver, tanto que o senso popular diz que um bom contador de “causos” nunca perde o fio da meada.

Narrar a si mesmo é um trabalho que envolve constância e implica também na lucidez de se saber da finitude da vida, dos planos que se pensa realizar e da pontual noção de quem se é. Aqui, Walter Benjamin acrescentaria uma excelente pontuação, qual seja, a de que experiências são também transmitidas e sempre foram dirigidas às pessoas jovens, a partir da “autoridade” dos mais velhos. É importante pensarmos que narrações de vivências advindas de outros geram memória. Memórias da condição de escutador e memórias relativas às imagens e

sensações construídas a partir da narrativa transmitida. Nas palavras do próprio Benjamin (1985: 114):

Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. (...) Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? (...) Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?

Para Gilberto Safra (2006), as capacidades de experimentar e narrar o próprio viver, ambas diretamente ligadas, estão em extinção e a partir deste vazio encontramos adoecimentos tipicamente contemporâneos. O autor nomeia estes sofrimentos da seguinte forma: *ausência de si mesmo, formas peculiares de solidão, o não-pertencimento, o mal estar infinito e o pânico*, e considera que o alinhavo comum entre estes adoecimentos contemporâneos é o “*anseio pelo encontro com o Outro*”. Quando o sujeito perde o fio da meada, perde a conexão relativa a sua condição humana. Sobre isso, Safra escreve:

O narrar oferta à pessoa a possibilidade de se apropriar das experiências que lhe visitaram como um saber sobre a condição humana. (...) Narrar é compartilhar uma experiência e ofertar um saber tácito sobre o viver humano. O narrar é presentificar sabedoria. Sabedoria nada tem a ver com erudição mas com o fato de que alguém passou por inúmeras experiências (...) e que encarna um saber a respeito da existência humana. O narrador apresenta um saber que é ao mesmo tempo pessoal e transgeracional. A sabedoria atravessa gerações, pelas experiências narradas pela humanidade e é, portanto, verdade ancestral (p. 28/29)

Temos nos deparado dentro e fora dos consultórios com pessoas que apresentam dificuldades para opinar sobre a própria vida e para falar sobre si mesmas. Este quadro nos faz pensar em uma memória terceirizada, colocada fora do sujeito. Os *pen drives* e *chips* são boa metáfora neste caso por permitirem o enfraquecimento da responsabilidade pelos registros que temos a fazer, o que talvez contribua para uma despreocupação quanto à fixação ou à rememoração do acontecer cotidiano. Este é um ponto a se considerar. Outro ponto vem a ser o assunto do qual estamos a falar: os excessos de informação e ofertas. Diante de tanto, uma possibilidade reativa do sujeito pode estar na translucidez que ele coloca entre ele e o meio, como quem coloca um filtro entre a própria sensibilidade e o mundo espetaculoso. Esta filtragem, se tudo vai bem, pode manter o sujeito protegido, mas sem uma boa filtragem, o trabalho da memória

pode ficar obscurecido e isto se tornar um complicador para a capacidade de construir narrativas.

Somamos então duas noções: a primeira, acerca de formas de viver pouco vinculadas a projetos particulares e mais atentas às propostas de massa; a segunda, acerca da autenticidade da construção de acervos para a memória, em que a sociedade espetacular desempenha o papel de banco de dados, furtando da capacidade imaginativa pessoal a função elaborativa para impressões e sensações. Temos aqui esboçado um sujeito por demais estimulado, interrompido em seu ensimesmamento básico e habituado a receber do mundo privilegiadamente imagético, modelos, *previews*. Esta forma de viver pode constituir indivíduos que são mais montagens em permanente refação do que construções autênticas.

Sofistica-se então a experiência relativa à memória do vivido. Faz grande diferença em termos da qualidade dos registros mnêmicos o que uma pessoa pode organizar para e por si mesma. Pensamos se os narradores de si-mesmos estão voltados para a experiência de comentarem acerca do que vivem e que sentimentos experimentam relativos ao tempo (finitude) e à memória (continuidade). Walter Benjamin (1985), ao falar dos narradores da literatura, nos empresta uma fundamental idéia, qual seja, a de que o ato de narrar exige de seu agente uma espécie de inteireza que afirma uma lucidez e um profundo contato consigo mesmo. No texto “O Narrador” ele comenta que as reminiscências têm como importante função a transmissão de histórias através das sucessivas gerações. A memória do narrador, segundo Benjamin, está referida tanto às próprias vivências particulares quanto ao que ele capta do mundo ao seu redor. Essa memória partilhada com o outro permite o que neste trabalho procuramos pelo nome de real sentimento de existir, nas palavras de Benjamin, o “encontro consigo mesmo”:

(...) O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer. Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. (...) O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (p. 221).

O encontro do justo consigo mesmo nos remete a um tipo de construção subjetiva anterior a esta contemporaneidade, na qual definir e qualificar a si mesmo era um processo baseado na busca por uma permanência e fidelidade a uma forma de ser bem estabelecida e duradoura. Benjamin estava imerso em outro

contexto que privilegiava uma exigência para o estabelecer-se como pessoa. Por outro lado, Bauman (2007: 17) advém de outra época e aponta uma “vida líquida” em que o esquecimento é matéria necessária para se lidar com o acúmulo de lixo que a sociedade de consumo produz: “*O lixo é o principal e, comprovadamente, mais abundante produto da sociedade líquido-moderna de consumo*”. Dessa forma, podemos pensar que o papel do esquecimento diante do excesso funciona como uma proteção para a sobrevivência do sensível em nós. É bom frisar que o esquecimento descrito assim está referido à idéia de um sujeito que não se detém todo o tempo em tudo que lhe acontece, que vem aprendendo a lidar com a velocidade das múltiplas experiências de modo a não abarrotar a sua memória.

Para organizar melhor o que estamos a falar sobre a memória e o sentimento de existir, assinalamos três posturas do indivíduo na sua relação com o mundo: a contemplação (considerar com admiração ou com amor), o pasmo (espanto, assombro) e o divertimento (o que distrai o espírito, entretenimento). Há também duas qualidades que se somam às três posturas anteriores, a saber: o recordar e o lembrar. Ambos se referem a diferentes estados de alma e diferentes graus de lucidez quanto ao material mnemônico. Kierkegaard (1988), disserta sobre as sutilezas entre o lembrar (*remember*) e o recordar (*recollect*):

Remembering is only a vanishing condition. Through memory, the experience presents itself to receive the consecration of recollection. (...) Memory is immediate and is assisted immediately, recollection only reflectively. This is why it is an art to recollect. (p. 11 e 12).¹¹

Buscamos qual seria o tipo de narrativa ou recordação que o sujeito contemporâneo é capaz de criar para si considerando a sua relação com o tempo e o espaço. O presente altamente presentificado e os espaços sem fronteiras, como a globalização sugere, inauguram uma nova forma para o estar e para o ser. Por exemplo, a diferença entre a capacidade de apreciar algo e a de ser impactado por uma edição de imagens tantalizantes é um divisor de águas para a sensibilidade.

Retomando os três estados de espírito, podemos dizer que no estado contemplativo, o ser humano está disposto para se surpreender ou admirar, no sentido de viver uma experiência de troca entre o seu mundo e o mundo natural.

¹¹ Lembrar não passa de uma condição efêmera. Através da memória a experiência comparece para receber a consagração de recordação. (...) A memória é imediata e é atendida imediatamente, a recordação apenas reflexivamente. É por isso que recordar é uma arte.

No estado de pasmo, o ser se submete a uma experiência de interferências em seu natural movimento, devido à quantidade e à simultaneidade de propostas apontadas em sua direção. Podemos pensar que na contemplação há intenso envolvimento interativo do sujeito com o objeto e que no pasmo há um consumo inadvertido desta experiência. Estar envolvido ou estar assustado, depende de uma maturidade e também da sorte de não ser surpreendido com acontecimentos violadores do sentimento de *self*. Por isso, a terceira categoria ligada ao ato de apreciação, o divertimento, vem a ser uma das mais antigas e eficazes saídas para aliviar a tensão contemporânea. Estar em estado de divertimento distrai o espírito e refresca a memória e rearruma o nosso imaginário.

Para a construção de uma subjetividade faz toda a diferença se há a presença de lucidez e senso crítico atuante nas experiências cotidianas ou se o estado de consciência funciona em baixa frequência. Na primeira situação, nos deparamos com alguém que é agente do seu processo, na segunda, vemos alguém que atua no mundo em busca de um encaixe, protegendo-se contra os impactos sobre sua sensibilidade. Para atingir estes estados qualitativos de relação de objeto, os indivíduos contemporâneos deparam-se com a difícil tarefa de distinguir o real da ficção, como diz Huysen (2000: 75):

Não se pode mais perceber a diferença real, a alteridade real no tempo histórico ou na distância geográfica. No caso mais extremo, os limites entre fato e ficção, realidade e percepção se confundem a ponto de nos deixar apenas com a simulação, e o sujeito pós-moderno se dissolve no mundo imaginário da tela.

Estamos demarcando aqui a diferença qualitativa para a constituição de subjetividades, se este processo parte de experiências estéticas, melhor dizendo, se o sujeito utiliza como forma de observação e inserção no mundo seu aparato memorial e sensitivo ou não. Dessa forma, o sujeito está mais para descobrir o mundo com seus olhos do que o mundo a olhá-lo e dizer o que ele é. Pode estar neste sutil movimento ou não-movimento do sujeito o núcleo da sua liberdade, assim como seu sentimento de felicidade diante da forma encontrada para viver. Felicidade e sofrimento são caminhos que dependem dos eventos externos sim, mas, sobretudo, de uma maturidade conquistada.

Em “Mal-estar na civilização” Freud (1930 [1987]) desenvolve o tema do sofrimento como parte integrante da vida e escreve sobre as formas das quais dispomos para amenizá-lo. O autor utiliza um termo de Theodor Fontane para

falar em “construções auxiliares” (*Hilfskonstruktionen*) como um recurso indispensável para se lidar com o lado árduo da vida. Neste mesmo texto quando aborda “a luta pela felicidade” e o “afastamento da desgraça”, Freud fala que as pessoas podem amortecer as preocupações através de métodos químicos (“veículos intoxicantes”) como uma das alternativas para promover o bem estar ou para evitar o mal-estar. O autor chega a comentar que além das diversas substâncias ingeríveis causadoras de efeitos distanciantes do que chamamos de realidade, há também em nossos organismos substâncias que liberam efeitos semelhantes à intoxicações, advindas das oscilações da vida psíquica (normal ou patológica).

Pedindo licença a Freud, as *Hilfskonstruktionen*, no sentido abordado nesta pesquisa, vêm sendo o recurso principal para a sobrevivência deste perfil de pessoas que buscam uma suavização do viver – e assim proteger a sensibilidade para não sofrerem um processo de intoxicação diante dos excessos apresentados pelas sociedades. O uso de amortecedores na contemporaneidade pode ser notado em certas atitudes cotidianas: para sons estridentes, uma nota sutil; para a enxurrada de outdoors piscantes, um bom Rayban espelhado; para um longo bloco de comerciais na TV, uma soneca; para um exagerado rodízio de carnes, uma provisória ausência de fome; para as últimas notícias chocantes acerca da agressividade humana, um nó na garganta e um pouco de esperança.

Todas estas imagens nos remetem à idéia de um amortecimento como recurso protetor diante da angústia e do medo. Mais do que nunca, o indivíduo contemporâneo necessita de um lugar secreto e calmo, de onde possa partir em direção ao mundo e para onde possa retornar em caso de cansaço ou desânimo. Freud, no mesmo texto citado, a partir da função que denominou como “veículos intoxicantes”, fala em amortecedores de preocupações, refúgio e em melhoria das condições de sensibilidade:

Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse ‘amortecedor de preocupações’, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. (p. 86)

Freud referia-se ao uso de elementos tóxicos, justamente para um alívio relativo ao peso que a realidade traz; nós aqui usamos a idéia de intoxicação como

um sinal da invasão excessiva do meio externo no mundo interno de cada um. De qualquer modo, o tema importante do qual se fala é a *expertise* de cada pessoa diante das situações complexas que vive e quais recursos podem ser usados para tornar a vida melhor de ser vivida.

Nos perguntamos se a busca do sujeito contemporâneo está ainda calcada na idéia de autenticidade e que padrões a sociedade atual estabelece para uma pessoa ser definida como interessante. Evitaremos aqui neste trabalho pré-julgar a atual conjuntura de subjetividades. Seria arriscado afirmarmos, por exemplo, que quando privilegiamos a forma mais consciente de interagir no mundo este seria o verdadeiro caminho para encontrarmos o ser autêntico. Possivelmente vem acontecendo uma transformação relativa à situação de cada um de nós frente às alienações propostas pela “grande tela”. Esta antecipação do que é para ser visto é uma forma contemporânea de tratar o sujeito e isto pode distraí-lo mas não traz a experiência da criação de sentido pelo fato de que estas são experiências impostas e não autorais. Gilberto Safra (2006) comenta: “*O ser humano tem a necessidade de criar sentidos, pois é parte da estrutura da pessoa humana a capacidade de projetar horizontes futuros*”. (p. 13).

Para poder projetar horizontes futuros, o indivíduo precisa estar consigo mesmo de forma autêntica, em alta sintonia com o sentimento de existir. Se fôssemos seguir três sínteses sobre o reconhecimento da existência humana teríamos primeiro a de Descartes – “*Penso, logo existo*”, depois a de Rousseau – “*Sinto, logo existo*” – e a de Winnicott – “*Quando olho sou visto, logo existo*”. Talvez seja oportuno pensarmos a síntese que melhor traduz a forma como o sujeito contemporâneo existe. Logo de princípio notamos uma diferença que atrapalha o uso da bela frase de Winnicott: justamente a inversão da idéia de ser visto. Na sociedade pós-moderna todos vemos tudo o que se encontra nas variadas telas acumuladas de imagens. Nossa função é ver e viver o visto. Mas quem nos vê? E o que faz um sujeito que não se vê refletido nas telas?

Winnicott (1975) observou que se a forma com que o rosto de uma mãe olha é capaz de espelhar o que ela vê, este contato permite ao bebê que ele veja a si mesmo. Um bebê pode ou não ver-se no rosto de quem o olha e esta relação com o rosto-espelho propicia a experiência de reconhecimento. A contrapartida desse jogo está na frase de Winnicott: “*se o rosto da mãe não reage, então o espelho constitui algo a ser olhado, não a ser examinado*”(p. 155). Ver o espelho

e não se ver nele refletido é uma metáfora que cai feito uma luva para este tempo do qual falamos: um espelho que exhibe a si mesmo invertendo sua função primordial, qual seja, a de refletir o outro. Este espelho assim descrito, representa a atuação da sociedade espetacular sobre seus integrantes.

O ambiente contemporâneo usa a linguagem do *show business* para interagir com as pessoas; tudo o que se apresenta é no formato de uma grande atração, com direito a *jingles*, truques visuais e cenários especiais. Podemos notar isso observando que muito cedo na infância, antes de uma criança experimentar suas possibilidades de ser, já encontram-se disponíveis no mercado sensações para ela vivenciar. São livros que cantam, travesseiros cheirosos, desenhos animados mostrando esponjas contracenando com vacas e frangos, CDs com projeção de imagens multicoloridas e chupetas que acendem no escuro e apitam a temperatura. Pensamos se a maciça presença destes objetos-evento que chamam tanta atenção para si, não inibem os gestos criativos.

A forma de registrar os acontecimentos na pós-modernidade parece migrar da categoria do fato narrado para a categoria do mostrado visualmente. Sabemos que imagens são também narrativas mas, estas das quais falamos, chegam até nós em um enquadre prévio. Uma das maneiras de apresentação de imagens é artificial, no sentido de simulação, quando por exemplo, as TVs reconstituem por animação computadorizada a cena de um crime ou o *replay* de um impedimento em um jogo de futebol. Pensando assim, o que faz com que algo seja real então é o fato de ele aparecer como uma imagem, posto que é difícil para os olhos duvidarem de uma re-constituição. Temos aqui novamente a idéia de que existe o que é visto pelo espectador e ele próprio só existe enquanto tal porque vê o que há para ser visto.

Segundo Debord,

O espetáculo, que é o apagamento dos limites do eu (moi) e do mundo pelo esmagamento do eu (moi) que a presença-ausência do mundo assedia, é também a supressão dos limites do verdadeiro e do falso pelo recalçamento de toda verdade vivida, diante da presença real da falsidade garantida pela organização da aparência (p. 140).

2.3.2

Ser uma unidade em uma comunidade

Tratamos de um mundo onde a aparência é *performance* de grande valor. Neste ambiente, as pessoas que desejam amadurecer e conquistar uma forma saudável para viver encontram barreiras poderosas. Ao dizer isso, não queremos construir a visão de um sujeito fraco ou vitimizado. Percebemos que há uma nova forma de nascer e viver e é possível que a mesma dispense a nossa familiar espera pelo processo de maturação e esteja alicerçada em outras bases. Não conseguimos mais observar com nitidez o papel da tradição como um trampolim básico para o ser humano sair em busca de caminhos originais. Se for assim, precisaremos repensar Winnicott, em *O brincar e a realidade*, quando ele diz: “*em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição*”. (p. 138)

Podemos aqui falar em tradição a partir desses apontamentos de Winnicott, acrescentando o que Safra (2004) resgatou da cultura russa: o conceito de *sobórnost* como sendo um olhar diferenciado sobre o fenômeno humano. Este conceito define a pessoa como fruto de sua cultura e, mais ainda, como alguém que carrega consigo o antes e o que virá, a singularização de sua ancestralidade e o sinal vital para aqueles que virão a existir. *Sobórnost* tem a ver com uma unidade em uma comunidade. Este é o caminho constitutivo para cada pessoa e, acerca disso, Certeau (1994) assinala um especial traço criativo da humanidade, qual seja, a astúcia, que é abordada pelo autor como a habilidade fundamental para o indivíduo lidar com o velho e o novo, com o desconhecido e o familiar, com o acolhimento e o abandono. Certeau escreve sobre a astúcia humana partindo da idéia de um herói anônimo, do homem comum que vai, ao longo de toda a História, atravessando as eras e os sucessivos e eternos modismos, permanecendo em sua principal atitude: comentar o *status quo* sem precisar vender a alma. Diz ele: “*Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos*” (p. 57). Há também outra excelente passagem acerca das astúcias do povo como resposta às estratégias das instituições históricas:

Os procedimentos desta arte [astúcias] se encontram nas regiões remotas do ser vivo, como se vencessem não apenas as divisões estratégicas das instituições históricas mas também o corte instaurado pela própria instituição da consciência.

(...) Seja como for, na escala da história contemporânea, parece também que a generalização e a expansão da racionalidade tecnocrática criaram, entre as malhas do sistema, um esfrelamento e um pulular dessas práticas (...). (p. 104)

Poderia o sujeito contemporâneo prescindir do trabalhoso processo maturacional que envolve muitas tentativas, frustrações, disputas, compreensão, auto-análise, esperas, vitórias e derrotas? A razão desta pergunta refere-se à sensação de que este percurso pode soar por demais longo, sofrido e por de menos útil na atualidade. O sofrimento como um sentimento elevado e a sublimação dos desejos em nome de uma forma nobre de viver já foram sinais de valor. Freud trabalhou brilhantemente em o “Mal-estar na civilização” o conflito do homem diante do mundo que ele mesmo construiu. Nos parece que a postura dos indivíduos hoje pretende dispensar o aspecto dramático como expressão e recorrer ao estilo objetivo e prático para construir suas vidas. Mesmo porque, percebemos pelos relatos clínicos, a grande ausência de um outro que tenha a função acolhedora e transmissora de idéias e valores, ausência de alguém para compartilhar, o que exige uma solidão maior que a esperada para estes momentos de construção de si mesmo.

Observamos que a solidão tem marcado forte presença nos momentos mais importantes para muitas pessoas (seja em provas escolares decisivas ou em dias onde a dúvida sobre se se é um alguém surge acompanhada de forte angústia). A impressão que temos é que a atitude materna relativa ao amparo e à devoção está mais enfraquecida. Como alternativa para não cair no desamparo total, muitas pessoas estabelecem fratrias à semelhança do que Maffesoli descreve como “sentir em comum”. Acerca dessa experiência, temos escutado nos consultórios ponderações e depoimentos sobre a solidão de não estar acompanhado nas horas fundamentais pela própria família (estes depoimentos vêm de crianças, adultos e de pessoas bem mais velhas). Este sentimento de estar só também se reverbera no social, quando os indivíduos procuram nas amizades e na “galera” um preenchimento para essa “falha básica” (Balint, 1993). Nestes casos, a amizade fortalece a experiência de uma fratria, pois nela o outro importa e nós importamos para o outro. Este resgate de uma reciprocidade afetiva e solidária, este “sentir em comum”, serve, mais do que nunca, como amparo para a construção das novas subjetividades. Joel Birman (2000: 178) fala numa “ética da fraternidade”:

(...) podemos dizer que a ênfase recentemente colocada na experiência da fraternidade é uma espécie de antídoto face aos imperativos da cultura do narcisismo e da sociedade do espetáculo, na medida em que a categoria ética da fraternidade enuncia uma outra concepção possível de subjetividade. Nesta, com efeito, o outro importa para o sujeito e muito até, estando ambos no mesmo barco da existência.

Nossos pacientes procuram viver ou reeditar no *setting* analítico, sentimentos que ativem ou re-inaugurem a memória de ser alguém. Se existe algo na condição humana que perdura ao longo dos milênios é a fina habilidade para reconhecer, por exemplo, um olhar ou um gesto carregados de afeto positivo. Este reconhecimento pertence à área do não-verbal e parece nos remeter à memória do que e para o que somos. O bem estar promovido pela experiência afetiva reside na reafirmação para o *self* de que ele existe e é visto. Este tem sido o trabalho clínico entre analista e paciente, a explicitação do afeto e de uma fratria. Podemos ilustrar o que falamos traduzindo o uso de duas saudações que a língua africana oferece: *sawabona* e *shikoba*. A primeira significa “eu te respeito, eu te valorizo, você é importante para mim”; a segunda quer dizer “então eu existo para você”.

Safra (2004: 34) escreve sobre o sofrimento contemporâneo:

Na atualidade, em decorrência da intensa fragmentação do *ethos* promovida pelo processo de globalização e hegemonia da técnica, o tipo de sofrimento que encontramos na clínica não é só uma perturbação decorrente de uma dinâmica psíquica, mas são situações que reclamam a necessidade da constituição do si mesmo e da constituição do psíquico e o re-estabelecimento da ética na situação analítica.

Há uma queixa renitente de alguns pacientes sobre a falta que sentiram de uma presença mais qualitativa de seus pais, ao longo da infância. A partir disso, podemos assinalar que a forma como os pais atuais olham para seus filhos é marcada por uma descontinuidade de cuidados da qual eles mesmos se ressentem e por isso mesmo não conseguem transmitir alguma tradição afetivo-narrativa, nem também sustentar com desenvoltura a função cuidadora. Este é um ponto, o da transmissão fragmentada gerando recepção fragmentada. Outro ponto, observável em falas constantes dos pacientes, refere-se a uma determinação em afastar o sofrimento (o que não quer dizer que não sofram, mas que desejam uma brevidade para o sofrer): “não me permito sofrer; mereço ser feliz”.

A fronteira entre sentimentos considerados de âmbito compartilhável (públicos) e sentimentos de fôro íntimo (privados) parece perder o sentido na pós-modernidade. Como elemento reforçador disso, a linguagem proposta pela mídia é a da absoluta exposição seja do que for: verdades e mentiras, banalidades ou segredos. Troca-se a comunicação vívida entre as pessoas pela exibição do animal humano. Existir é aparecer, segundo a situação atual.

Guy Debord (1997) escreve com muita clareza:

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. (p. 14) (...) O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de 'o que aparece é bom, o que é bom aparece. (p. 16).

Nesta era que estamos contextualizando o que menos acontece ao indivíduo é ele ser de fato visto e reconhecido. Cabe a ele tentar processar a imensidão do que há para ser visto. Este estado de coisas sugere que o sujeito deve primeiro mergulhar neste mar de aparências e estímulos e sonhar o dia em que irá aparecer nas vitrines para, aí sim, ser visto. Mas este ser visto é somente fazer parte de uma cena, uma figuração, como alguém numa platéia pode ser convidado a subir ao palco. Uma vez lá, esgota-se a experiência, porque ele não transformou-se em um ator. Ao indivíduo contemporâneo muito é mostrado, menos ele mesmo pois a contemporaneidade não trabalha com espelhos, mas com projeções inspiradas em sua própria forma de funcionar. Diante das telas plasmáticas, dependendo da contraluz, podemos vislumbrar nossas próprias silhuetas e por segundos acharmos que estamos "lá", incluídos no espetáculo, mas o que se passa dentro do enquadre televisivo, não permite interlocução, só distração. A tela de plasma é assim uma atração que convida e ao mesmo tempo mantém o indivíduo afastado desse processo.

Se o ser humano carrega consigo uma forma astuciosa para sobreviver nestes tempos, é para nós um sinal de que a sua criatividade se mantém inteira e se não inteira, pelo menos viva. Temos que discernir quando as astúcias protegem uma subjetividade e quando elas empobrecem a construção de um ser, promovendo uma colagem composta de pequenas peças agrupadas. Em vez do processo de integração, surge uma montagem, semelhante ao que Jameson (2006) descreve como uma forma "pastiche" de ser. Facilmente localizável nas artes e na

moda, esse estilo tem na imitação seu gesto determinante. O termo pastiche é originário do campo das artes visuais e Jameson o utiliza para apontar na literatura contemporânea, o processo que tem a imitação como base para a cópia de estilos já existentes, “*particularmente dos seus maneirismos e cacoetes estilísticos*”. Assim como ele importou o termo de um campo para outro, tentaremos também tomá-lo emprestado para a psicologia como boa ilustração de um recurso cabível dentro do processo de construção das subjetividades. Para tal, destacamos o que nos interessa do que Jameson descreve: “*O pastiche, assim como a paródia, é a imitação de um estilo peculiar e único, o uso de uma máscara estilística, (...). O pastiche é a paródia pálida (...)* (p. 23). Há também o termo “bricolagem” utilizado por Certeau (1994) para nomear uma certa forma de fazer as coisas e que podemos estender também para o falar e o relatar os acontecimentos. Estas bricolagens são feitas por algumas pessoas para reunir e aproveitar os resíduos ou detritos do mundo. Guardemos estes conceitos para retomá-los em breve.

Uma das grandes lutas do sujeito contemporâneo é a de conseguir observar se uma decisão tomada pertence à categoria do necessário, do dispensável ou do desejável. Isso porque o seu mundo particular é invadido por uma constante que pede insistentemente que ele produza e consuma. Este mesmo ambiente traz a abundância no lugar da generosidade. Devido ao excesso de propostas mercadológicas e à forma veloz com que surgem, nos parece que as experiências de hesitar, refletir ou mesmo abster-se ficam suspensas, porque o sujeito não dispõe de tempo hábil para consultar a si mesmo acerca do que fazer. Como Baudrillard escreve em *A sociedade de consumo*:

O homem do consumo nunca se encontra perante as próprias necessidades, como também jamais se vê diante do produto do seu trabalho; também nunca se defronta com a própria imagem: é imagem aos signos que ordena. Acabou-se a transcendência, a finalidade, o objetivo: a característica de tal sociedade é a ausência de ‘reflexão’ e de perspectiva sobre si própria. (p. 206).

A seguir, abordarei uma forma peculiar de construção, observada na clínica, que parece ser fruto das ponderações acima e merece atenção.